

Estágio como campo de experiências: do Estágio I ao IV, tantas mudanças e adaptações

Isabel Cristina da Silva Rocha

Larícia Gomes Soares

Marcos Alves dos Santos

01

Primeiro, uma contextualização

Desde que a pandemia da Covid-19 se instalou no mundo, cerca de 1,5 bilhões de estudantes ficaram fora da escola em mais de 160 países, segundo relatório do Banco Mundial. Alguns países adotaram o fechamento total de escolas, outros apenas em zonas consideradas de risco ou deixaram abertas aquelas com crianças pequenas cujos pais trabalham em setores críticos para a sociedade. Neste contexto, alguns organismos internacionais, como OMS, ONU, apresentaram estudos e problematizações acerca da contenção da pandemia e sobre quais seriam seus efeitos na educação.

Alguns desses organismos, buscavam responder perguntas como: o fechamento das escolas é necessário para conter a disseminação do vírus?; quais riscos e consequências sociais surgiriam com esse fechamento?; como as escolas poderiam promover o aprendizado para todos diante da diversidade de contextos sociais, econômicos e culturais da sociedade? e ainda, quais as dificuldades e possibilidades de acesso à educação a distância, bem como de sua democratização?

Diante desses questionamentos, o cenário pandêmico e seu impacto na Educação são apresentados por Andreas Schleicher (OCDE) e Fernando Reimers (Harvard) em um relatório de 2020 intitulado “Educação Interrompida, Educação Repensada: Como a pandemia da Covid-19 está mudando a educação¹”. Assim, esse momento se caracteriza pela “perturbação que terá

impacto na subsistência dos indivíduos e nas perspectivas de suas comunidades”, onde se faria necessária a tomada de medidas imediatas para desenvolver e implementar estratégias que mitiguem os impactos educacionais da pandemia.

Nesse caminho, tais orientações apontam para a necessidade de medidas e da elaboração de respostas educacionais eficazes, bem como estratégias de cooperação; além de eficazes, deveriam ser rápidas. Porém, tal orientação encontra entraves e consequências de difícil mensuração se considerarmos as situações estruturais, políticas e econômicas de países com grande desigualdade social, fato que reverbera nas condições socioeconômicas dos estudantes destes lugares: situação que temos vivido *in loco*, no chão da escola. A desigualdade ainda produz condições que se tornam limitadoras do acesso aos equipamentos e recursos digitais, à internet e ambientes adequados para o estudo, além da situação do trabalho e escolarização precária, que gera a “ausência” de seus responsáveis como participantes ou auxiliares de seu cotidiano escolar.

Esse primeiro cenário que apresentamos se materializa a partir das observações e reflexões desenvolvidas nas disciplinas de Estágios Supervisionados de formação de professores de Geografia, que se deu em uma escala local, a da escola, em articulação com a escala estadual, interpretando os dados educacionais do Estado do Rio Grande do Norte, disponibilizados na Plataforma Digital Sigeduc. Tal plataforma de gestão escolar apresentava no ano de 2020 um total de 595 escolas distribuídas em 16 Diretorias Regionais da Educação e Cultura

1. REIMERS, F. M.; SCHLEIDER, A. A framework to guide an education response to the COVID-19 Pandemic of 2020. OECD, 2020.

(DIRECS) e mais 20 unidades em parceria com a Rede Municipal de alguns municípios do estado, que por sua vez monitoram um determinado número de municípios (agrupamento), como mostra o mapa a seguir:

LOCALIZAÇÃO DAS DIRECS DO RN



Fonte: sigeduc.rn.gov.br

De acordo com o site oficial da Secretaria Estadual da Educação e Cultura (SEEC), as cidades sedes com seus respectivos números de instituições escolares são elas:

MAPEAMENTO DAS DIRECS DO RN		
DIREC	MUNICÍPIO SEDE	TOTAL DE ESCOLAS
1ª	Natal	149
2ª	Parnamirim	48
3ª	Nova Cruz	39
4ª	São Paulo do Potengi	17
5ª	Ceará-Mirim	24
6ª	Macau	16
7ª	Santa Cruz	23
8ª	Angicos	14
9ª	Currais Novos	35
10ª	Caicó	32
11ª	Assu	19
12ª	Mossoró	69
13ª	Apodi	22
14ª	Umarizal	30
15ª	Pau dos Ferros	41
16ª	João Câmara	17
TOTAL		595

Segundo o portal SIGEDUC, ainda no primeiro semestre de 2020, a Rede Estadual possuía 216.352 matrículas no total. Diante do cenário da pandemia, a rede obteve uma queda no número de matrículas no segundo semestre, passando para 197.478, representando um percentual de queda de aproximadamente 8,7%, o que representa em valores absolutos o total de 18.852 matrículas a menos.

Foi nesse momento que o Governo Estadual,

em conjunto com equipes de especialistas da saúde pública e conselhos da sociedade civil, publicaram decretos com medidas de segurança à vida diante do contágio da Covid-19, suspendendo diversas atividades que tivessem caráter de agrupamentos/aglomerações em um determinado espaço. Assim, as escolas tornaram-se espaços que representam riscos de grandes proporções de transmissão do vírus. Logo, os decretos publicados e regulamentados² pelo governo formalizaram a suspensão das atividades escolares presenciais de todo o ano letivo de 2020.

Para a SEEC, em consulta ao SIGEDUC, os dados informam que existiriam aproximadamente um contingente de 43.200 estudantes da Rede Estadual que se encontravam sem acesso à ambientes educacionais remotos, o que revela a partir do número inicial de matriculados no primeiro semestre, onde cerca de 19,96% de estudantes sem as aulas remotas e que, se comparados ao número de matriculados do segundo semestre (em curso a época), esse percentual aumentou para 21,88%. Portanto, diante das dificuldades de vulnerabilidade social dos 43.200 estudantes, a SEEC e outras secretarias buscaram a criação de iniciativas como: aulas televisionadas, transmitidas através do rádio, de materiais impressos e entregues nas escolas, entre outras estratégias que nos fazem refletir sobre em que consistiria uma “aula remota”.

Atuando neste contexto

Diante de tudo isso, entendemos que a

2. PORTARIA-SEI Nº 438, DE 21 DE OUTUBRO DE 2020

pandemia nos apresentou um modelo de ensino remoto repleto de mudanças, mesmo que tenham sido implementadas durante nossa formação de licenciandos em Geografia. Dentro dos quatro Estágios Obrigatórios, o Estágio I foi presencial, enquanto o II, III e IV tiveram que ser remotos, imprimindo experiências e vivências ao longo dos semestres, que se transformaram do presencial ao remoto, repleto de mudanças e adaptações — que reforça nosso entendimento sobre o Estágio como locus de construção de saber e circulação de experiências, tendo em vista que é o momento que o licenciando entra em contato com seu futuro espaço de atuação profissional. Dessa forma, esse momento/ação deve ser visto e encarado com seriedade e comprometimento.

É com essa entrada na escola que passamos a entender o papel do professor na formação e construção cidadã de muitos sujeitos — caminhos que se constroem em rumo da vida pessoal e profissional, papel esse que está intimamente ligado ao fazer pedagógico do professor e seu papel na comunidade escolar. Visto que é nesse convívio (às vezes presencial, às vezes virtual) de estagiários, estudantes, professores, comunidade e gestores, que se constrói bases fundamentais para o processo de formação docente e encontro com a realidade que o envolve. Tal processo pode ocorrer dentro de uma perspectiva presencial de ensino, dado na busca pela compreensão do espaço escolar, com seus agentes, as relações físicas e imateriais, com a aplicação ou estranhamento das mais diversas metodologias de ensino, aplicadas ou vividas pelos professores. Essa pluralidade de acontecimentos irá atuar na projeção e

planejamento: seja na organização de anseios e/ou metas pedagógicas, seja na recriação do espaço escolar.

É notável que nossas visões acerca dos processos de ensino-aprendizagem vão adquirindo maior complexidade e coesão, de modo progressivo e hierárquico, se ampliam a partir da organização de nossas memórias como estudantes e do estranhamento gerado no retorno como estagiários/futuros professores, como uma chama que se acende. Logo, pode se afirmar que esses momentos na escola se transformam em bagagens para a vida social e profissional, como no caso de situações que nunca demos muita atenção, como as conversas durante a aula ou o momento do intervalo no pátio. É como se começássemos a enxergar as diversas relações entre os pares professor-aluno e aluno-aluno antes não percebidas ou analisadas. Portanto, a volta à escola como estagiário nos mostrou que o ambiente-escola não é apenas um local onde íamos assistir aulas, mas sim um lugar significativo que é mobilizador de vivências, memórias e identidades.

O espaço-escola vivido nos Estágios

A partir de nossas vivências na escola-campo em que atuamos, pode-se dizer que tivemos a oportunidade de conhecer as instalações físicas, a dinâmica entre os sujeitos que compõem a comunidade escolar, bem como as relações sociais entre os estudantes (ressaltamos, que esse momento foi realizado antes das informações oficiais e de suspensão das atividades presenciais), observações que ocorreram no Estágio Supervisionado I, entre os meses de

setembro a novembro de 2019.

Pode-se afirmar que o Estágio em questão enfrentou diversos desafios, visto que a problematização de questões referentes ao ensino de Geografia na escola e os debates e reflexões que construímos na Universidade não contemplava um percurso formativo que nos instrumentalizasse para atuarmos na modalidade de ensino remoto (ou virtual). Além disso, tivemos que nos deparar com diversas unidades escolares sem o mínimo de condições estruturais e/ou pedagógicas para desenvolverem suas atividades remotamente, fatores associados à falta de recursos materiais, formação e capacitação dos docentes para operacionalização de equipamentos e plataformas virtuais, além da falta de acesso à internet para os professores e para a grande maioria dos estudantes da Rede de Ensino Público.

Assim, como ponto de partida para os Estágios no modo remoto (II, III e IV), realizamos conversas e diálogos com a gestora da unidade escolar e o supervisor de campo, visando construir um perfil da comunidade escolar composto por cerca de 38% de estudantes residentes no entorno e na comunidade onde localiza-se a escola (perímetro urbano) e 62% que vivem em comunidades circunvizinhas, em sua maioria caracterizadas como zonas rurais (Alcaçuz, Colônia do Pium, Hortigranjeiro e Lago Azul) do município de Nísia Floresta, situado ao sul da capital Natal.

Muitos desses estudantes das comunidades rurais apresentam condições de vulnerabilidades socioeconômicas, visto que seus pais ou responsáveis vivem da agricultura (predominando a produção de subsistência familiar), de-

pendem de transporte escolar público, habitam moradias em sua maioria isoladas pela falta de serviços como o acesso à internet, sinal de TV e transporte público, pontos críticos que dificultam a comunicação entre a escola e os estudantes, pais ou responsáveis.

É com este cenário socioeconômico e pedagógico que estamos enfrentando os desafios de “ser e estar” professores de Geografia, atuando e colaborando junto dos supervisores em campo de Estágio, traçando estratégias que permitissem alguma inclusão e/ou igualdade dentro desse território-escola: com suas fronteiras que repelem e excluem muitos estudantes, considerando a precarização e desmonte estrutural que o sistema educacional público brasileiro vem passando (evidenciado e potencializado com as antipolíticas educacionais de caráter democrático e inclusivo do atual Governo Federal), negando e excluindo esses estudantes, seu direito à Educação e à prática cidadã.

Diante do cenário de pandemia que vem acentuar ainda mais as desigualdades existentes entre as classes menos favorecidas e as mais abastadas, encontramos, enquanto estagiários de Geografia, uma paisagem desigual e desafiadora composta por professores sem capacitação adequada para o uso das novas tecnologias e que se viram obrigados a recriar um novo espaço de aula e que poderiam não ser ocupados por esses sujeitos desconectados (seja pela falta de um *smartphone* ou conexão de internet), isso sem considerar a situação de pobreza dos muitos estudantes que viam na escola a possibilidade de ter no mínimo uma refeição decente ao dia.

Como já exposto, constatamos que a

maioria das escolas públicas brasileiras possuem uma série de problemas estruturais e que, no contexto das aulas remotas, foi reproduzida no ciberespaço. Assim, leva à necessidade de apropriação (e difusão) de ferramentas virtuais ofertadas de forma gratuitas na web, adequando os objetos do conhecimento a essa nova forma até então desconexa da realidade do ensino presencial dos professores e estudantes da Rede Pública.

É com uma pegada de superação e embasados num olhar geográfico em formação que busca-se instrumentalizar esses sujeitos escolares dentro dos espaços educacionais emergentes, ensinando não só conceitos e conteúdo, mas todo o contexto que eles estão vivenciando — em conexão com questões pertinentes à saúde pública, às desigualdades sociais, ao meio ambiente e ao consumo, bem com a busca de soluções para tais problemas. O que nos leva a considerar que o conhecimento geográfico deve preparar o estudante para a leitura, compreensão e atuação no mundo em que ele está inserido, sobretudo diante de contextos tão complexos, dinâmicos e mutáveis como o que vivemos no presente momento.

Reflexões e considerações

Tal vivência nos conduz a olhar além do que foi observado, sejam as dificuldades vividas pelos estudantes, como não-aceso à internet, ausência de equipamentos pessoais ou comunitários, a falta de recursos ou a falta de cobertura dos serviços móveis de telefonia, o que se torna de fato o maior obstáculo para a inclusão dos estudantes no contexto pandêmico. A par-

tir disso, é a negação da diversas estratégias de sobrevivência e resistência de professores, estudantes, gestão e comunidade onde emerge muita força de vontade, empatia, cuidado com outro e a reinvenção de formas de solidariedade.

Portanto, as experiências que pudemos adquirir nesse processo foram diversas, potentes e reveladoras de múltiplos contextos e diferentes formas de viver, indo ao encontro da noção de experiência proposta por Jorge Larrosa (2002, p. 21): como aquele conhecimento “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”, indicando que esses encontros viabilizados pelos Estágios nos passou, nos tocou, nos sensibilizou e nos preparou para sermos profissionais sensíveis e comprometidos com as mais diversas geografias.

Referências

- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação* Rio de Janeiro, ANPED, n. 19. p. 20-28, Abr. 2002.
- REIMERS, F. M.; SCHLEIDER, A. **A framework to guide an education response to the COVID-19 Pandemic of 2020**. OECD, 2020. In: <<https://ceipe.fgv.br/artigos/educacao-interrompida-educacao-repensada-como-pandemia-do-covid-19-esta-mudando-educacao-0>>
- SEEC/RN. Monitoramento da Educação. https://sigeduc.rn.gov.br/sigeduc/public/transparencia/pages/consulta/relatorio_estudantes/consulta-Escolas.jsf;jsessionid=3C846FF08E46DFCEA-9B5AAEEAFD2B5AC.srv1inst1, consultado em dezembro de 2021.